

Gerenciamento de riscos e prevenção de perdas  
“Dois lados da mesma moeda”.

O gerenciamento de riscos surgiu nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, no final da década de 40. Na época, os departamentos de segurança das grandes empresas objetivavam reduzir os gastos com prêmios de

seguro e aumentar a proteção da empresa frente aos perigos reais e potenciais. A tarefa somente foi possível com uma análise das situações de riscos. Assim, além da avaliação das probabilidades de perda, tornou-se necessário identificar quais os riscos que poderiam ser considerados inevitáveis e quais poderiam ter reduzida, de forma direta e eficaz a chance de concretização.

A desregulamentação, a globalização e a desintermediação mudaram a definição dos mercados e modificaram os aspectos econômicos das operações. O mercado tornou-se instável, competitivo e muitas vezes disruptivo. As empresas logo perceberam que para sobreviverem nessas condições eram necessárias duas premissas básicas: redução das perdas e aumento da capacidade de previsibilidade. O estudo dos riscos nas empresas cresceu rapidamente e as organizações começaram a verificar que os riscos não eram iguais e deveriam ser tratados de forma diferente. Nesse ponto a crença exagerada na racionalidade gerencial parece ter encerrado o seu ciclo.

Atualmente, o gerenciamento empresarial convive com a imprevisibilidade e com a ambigüidade. Uma importante consequência dessa situação é ter que decidir com base em informações parciais e/ou em constante mudança.

Dessa forma, a necessidade de gerenciar riscos reais como potenciais passou a ser uma questão de competitividade e sobrevivência.

Nesse cenário, onde as mudanças são rápidas, as incertezas constantes e há domínio da imprevisibilidade, a definição de estratégias organizacionais não pode combinar com métodos antigos de projeção e análise.

Assim, pode-se definir gerência de riscos como o processo para conservar o ganho e o patrimônio da empresa pela minimização do efeito financeiro de perdas acidentais; segundo Jaime Cristy.

Para a efetivação do gerenciamento de riscos, a direção deve ter uma visão holística de suas exposições operacionais e uma definição da abrangência do trabalho desse setor, que tem muitas interações por meio de diversas áreas, tais como: finanças, qualidade, tecnologia da informação, processos, jurídico, marketing, inteligência competitiva, seguranças patrimonial e do trabalho, seguros etc.

O gerenciamento de riscos contribui para o fortalecimento econômico da empresa, na medida em que propõe medidas eficientes, eficazes e



efetivas para a mitigação dos riscos identificados e, dessa forma, evita as perdas empresariais.

Do exposto, pode-se afirmar que o gerenciamento de riscos corporativos abre uma nova dimensão, onde as empresas passam a monitorar de forma eficaz os riscos que venham a colocar em perigo o seu desempenho e consequentemente sua competitividade.

Por último, mas não menos importante, é sempre bom lembrar que “a intenção de aceitar o risco não se equivale ao desejo irresponsável de se apostar na sorte.”

**JOSÉ GUIMARÃES BARRETO JUNIOR, D.Sc**

DIRETOR EXECUTIVO DA BARRETO JR & ASSOCIADOS

[www.barrettojreassociados.com.br](http://www.barrettojreassociados.com.br)